**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**: **SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Cícera da Silva Maciel Freire

Professora da Educação Básica Estadual do município de Cajazeiras- PB

[cicera-maciel@bol.com.br](mailto:cicera-maciel@bol.com.br)

Michele da Silva Gomes

Professora da Educação Infantil do CNSL no município de Cajazeiras-PB

[Misilvagomes.2013@gmail.com](mailto:Misilvagomes.2013@gmail.com)

**RESUMO**

O ato de contar histórias transforma o sujeito e contribui para a construção do pensamento. O presente trabalho tem a finalidade de despertar o interesse da leitura, e por sua vez apontar as contribuições que promova a construção do conhecimento a partir do sujeito que conta e do que houve no processo de ensino e aprendizagem. A partir desse pressuposto, entende-se que no decorrer desta atividade o sujeito desenvolve competências e habilidades que estimula a leitura crítica num contexto mais amplo, e que este, por sua vez está fundamentado nas ideias de Martins (2007), Freire (2011), Koch (2014), Busatto (2008) entre outros. Logo o papel do contador de histórias é contribuir para o desenvolvimento do sujeito, envolvendo a construção de saberes. Nesse contexto, é relevante relatar que a contação de histórias enriquece o discurso do sujeito aprendente. As inquietações sobre contar histórias, intensifica o modelo de como se ensina e como aprende, desenvolvendo e estimulando a criatividade e criticidade do próprio sujeito.

**Palavras** – **Chave**: Contação de histórias, leitura, ensino e aprendizagem.

1. **INTRODUÇÃO**

Sabe-se que o processo de leitura está repleto de desafios e envolvido de muitos processos independentes, como aspectos afetivos, cognitivos e socioculturais. O ato de contar histórias é uma arte milenar, uma das formas e expressões do ser humano, uma maneira específica de compartilhar saberes cultural através das gerações.

Pensar no desenvolvimento do sujeito é pensar a contação de histórias como estratégias de leitura, não só metodológica, mas como unidade social que pretende formar cidadãos críticos e conscientes, levando-os a pensar compreendendo o que ler ou escreve. Desse modo, o ato de ler concerne na transformação do conhecimento que o sujeito tem do mundo e de si mesmo, como aponta MARTINS (2007, p. 36):

Não pretendo chegar a definições, a conceituações definitivas, tampouco apresentar regras ou receitas. O proposito é compreender a leitura, tentando desmistifica-la, por meio de uma abordagem despretensiosa mas que permita avaliar aspecto básicos do processo, dando margem a se conhecer mais propriamente o ato de ler.

A contação de histórias implica na transformação que o sujeito tem de si e do mundo, além de ser uma importante estratégia que desperta o senso crítico do sujeito. Durante muito tempo, a ação de contar histórias tornou-se um hábito comum entre as pessoas e em diversas instituições escolares.

A figura do contador de histórias tem surgido no ambiente educacional, a partir do século XXI. Percorrendo esse contexto de costumes populares, entende-se que é preciso estimular a leitura, que se apresenta como um elemento desafiador.

A contação de histórias dinamiza a compreensão e estimula a imaginação do sujeito, potencializando a linguagem e a própria criatividade. Portanto o objetivo desse trabalho é compreender como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento do sujeito a partir da leitura mediante o processo de ensino e aprendizagem.

A compreensão acerca da contação de histórias baseia-se no desenvolvimento da leitura, como estratégia para a construção de saberes. Nesse contexto o presente estudo foi realizado a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfica, descritiva e abordagem qualitativa.

Carlos Gil (2012) assinala que a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais elaborados, constituídos de livros e artigos científicos. Desse modo, ao se referir à pesquisa face ao desenvolvimento do sujeito permite o investigador uma aproximação maior do objeto pesquisado. Logo o autor aponta a pesquisa como descritiva que têm como objetivo “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis”.

O estudo provocou uma reflexão sobre a contação de histórias que enriquece o desenvolvimento do sujeito, e que estes confiam os diferentes imaginários que dela depende a leitura. Entretanto, nesse processo discursivo optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativa, a qual dispensa o uso de métodos e técnicas, que venha mensurar qualquer dado coletado.

De forma didática, Richardson (2008) aponta que “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social [...]”.

**2- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA**

A figura do contador de histórias assume um relevante papel no processo de ensino e aprendizagem. Há indícios de que a leitura incita o intelecto do sujeito, proporcionando uma abordagem despretensiosa, oportunizando conhecer principalmente o ato de ler.

Percorrendo por todo esse contexto, o contador de histórias deve proporcionar leitura deleite. A partir de reflexões sobre a leitura, além de entreter, aguça o pensamento e a criticidade do sujeito aprendente. Sendo assim, Oliveira (2008, p. 93) ressalta que “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros”.

O professor como contador de histórias faz dessa arte uma aliada da sua estratégia metodológica. O contador de histórias é aquele que se revela no ambiente que o cerca, é contemporâneo e atual. Como assinala Busatto (2008, p. 19), “[...] é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais do seu povo”.

Nesse contexto, o espaço escolar ganhou reforço com a contação de historias, pois levou o sujeito à aprender ouvir, e assim criar hábito de contar e recontar histórias. O objetivo de contar histórias não é somente divertir o sujeito, mas estimular a imaginação, estabelecer relação com o ambiente que está inserido, sem descartar o caráter intencional do seu aspecto lúdico como aponta ABRAMOVICH (2001, p. 23)

As histórias tem como valor específico o desenvolvimento de ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, a musica, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo.

Nesse espaço de construção, o estudo relativo ao tema contribui para o desenvolvimento do sujeito. Logo, entende-se que a literatura deve ser valorizada, pois ajuda na aprendizagem desse sujeito. A contação de histórias não é passatempos, mas uma importante ferramenta estratégica que desenvolve a formação do aprendente. Entretanto é de grande relevância contar histórias, pois estimula o raciocínio percebendo que esta estratégia provoca emoções e assim, desperta o interesse pela leitura e a vontade dela apropriar-se.

1. **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA SALA DE AULA**

A arte de contar histórias leva o sujeito a compreender o universo real do qual está inserido e até mesmo da fantasia. Este por sua vez expressa pensamentos que renomeia imagens mentais no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma Rossini (2001, p. 56) assinala que, “As histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento. Dizem que os olhos são os espelhos da alma e a fala é o espelho da personalidade”.

Na atual conjectura as instituições escolares precisa se dividir entre os mais diversos ambientes de aprendizagem; como os de espaços programados compreendidos além da sala de aula, biblioteca etc., e os espaços de atividades livres que compreende sala de leitura, salas de experimentos e os laboratórios.

Entretanto nesses ambientes se percebem a presença de um objetivo com a finalidade de promover apropriação de conhecimento e saberes que estimula as especificidades do sujeito que aprende. Logo é relevante afirmar que a contação de histórias possibilita aguçar a inteligência e os sentidos do contador aquele que conta e daquele que escuta.

É notório que o ato de contar histórias é considerado o alimento da imaginação, mas que para o desenvolvimento dessa imaginação se faz necessário oferecer boas histórias e a indicação de bons livros, para não danificar a memória imaginativa do sujeito. Portanto o professor (a) desenvolve um importante papel de mediador entre o sujeito que aprende e o universo literário. Nesse universo mágico de sonhos e imaginações, Filho (2009, p. 78) enfatiza que “O professor deve ser o guia dessas deliciosas viagens que possuem um ponto de partida e outro de chegada: universo da literatura”.

A prática da contação de histórias está cada vez mais presente na sala de aula, nos espaços escolares. Esta por sua vez não deve ser utilizada nas escolas apenas como estratégia de caráter lúdico, mas como metodologia que enriquece a prática docente que procura desenvolver múltiplas aprendizagens. Dessa forma a contação de histórias na sala de aula, permite a satisfação do sujeito por ganhar significativamente mais estímulo, imaginação para criar um universo de histórias contadas oralmente ou narradas por meio do reconto oral ou ainda escrito.

É importante reconhecer que a arte de contar histórias é uma prática muito antiga, milenar. Sabe-se que a sociedade é mutável, porém esta prática sofreu transformações ao longo dos anos, passando por diferentes configurações. Busatto (2008, p. 45) ressalta que, “[...] contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério”.

Sendo assim contar história, não é apenas pegar um livro e fazer uso de sua história. Contar histórias exige muito do contador, além de exigir criatividade no ato da contação, deve existir uma relação de intimidade com a história, deve proporcionar aos ouvintes uma bela viagem ao mundo da fantasia.

Contar histórias para motivar o sujeito aprendente possibilita explorar a capacidade ou competência que cada um demonstra ter; apreciar a melhor forma de compreender a história e se manter atento exigindo do contador a melhor desempenho acerca da história como aponta DINORAH (1995, p.50).

Contar histórias é uma arte, certamente. Nem todo o professor nasce com o privilégio desse dom [...] Entretanto, o uso de alguns recursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos.

Portanto vale ressaltar que o sujeito que tem esta prática de contar histórias, apresenta habilidades que permeia o raciocínio, ativando a memória por meio de informações que o sujeito dela se apropriou. É fazer com que o sujeito goste de ler, além de se apropriar de ideias que possa torna-lo bom leitor e escritor, além de enxergar na literatura um caminho para a interação e diversão. Assim, COELHO (2000, p. 48) aponta que:

Não podemos esquecer que, sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa e importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória. Ora, se isso acontece conosco adultos consciente do valor das informações como não acontecerá com as crianças?

Embora a importância do contar histórias permita enxergar a literatura como o auxílio da aprendizagem do sujeito, o mediador precisa tornar essa aprendizagem significativa e prazerosa.

**4- AS COTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Caminhando por vários universos que permite maior observação do fazer didático pedagógica, nos deparamos com situações em que se percebe o ato de contar histórias como social e parte do processo de ensino e aprendizagem. Mediante a concepção do contar histórias, os PCN’s (1997, p. 23) destacam que: “O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”. O recorte que se faz, procura compreender a arte de contar histórias como desafio no processo de ensino e aprendizagem.

No passado a arte de contar histórias se dava de forma oral passada de geração em geração; este por sua vez se apropriava da leitura de lendas, fábulas, contos entre outros gêneros textuais disseminados a toda a sociedade, embora tenha sido rejeitada por esta sociedade por entender que se tratava de atividades simplórias, como aponta Malba Tahan (1996, p. 24) “todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”.

A partir desse contexto percebeu-se que a figura do contador de histórias causava admiração, além de entreter o sujeito que ouvia com esmero. Dessa forma a contação de histórias pode favorecer de maneira significativa o estímulo, a imaginação do sujeito para desenvolver habilidades de leitura.

Além de ser desafiador, o contador de histórias é uma figura de grande importância que surge no contexto da literatura com intenção ou não de ensinar seus costumes social e cultural, ou ainda difundir as histórias a toda geração. Dessa forma a literatura contada contribui para o desenvolvimento do sujeito, como assinala Abramovich, (2001, p. 16) “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”. Logo a arte de contar histórias é reconhecida como prática oral de um patrimônio cultural.

A contação de história se tornou importante recurso, pois contribui para o desenvolvimento do sujeito levando-os a pensar, ainda foi possível experimentar novos saberes que desperta o interesse pela leitura e produção desses saberes no contexto escolar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ato de ler tem estimulado aprender, como também compreender o que está no entorno e além dele. Ensinar é estimulá-lo a pensar. Ou seja, é elevar o sujeito a enxergar além do que está escrito no papel, é procurar compreender o que o autor quer transmitir ou expressar nesse mundo de sonhos, fantasias e ilusões, sem permitir que se despeça do mundo real. Para que aconteça aprendizagem é necessário que a contação de história se faça presente no cotidiano do sujeito aprendente; já que esta prática está bastante solidificada nas instituições escolares.

A partir desta prática, a contação de histórias se apresenta como estratégia lúdica com o intuito de estimular o sujeito a pensar, como também a compreender o que ler ou escreve. Em síntese não é interessante e nem tão pouco relevante, que o sujeito decodifique os signos linguísticos, mas apreender e compreender o que está no seu entorno.

Desse modo o sujeito é instigado a ações, atitudes, emoções e sentimentos, ora acreditando numa leitura significativa de forma contextualizada, considerando as experiências do sujeito enquanto integrante do processo de ensino e aprendizagem. Entende-se que a contação de histórias está inserido nesse contexto com a intenção de contribuir com a aprendizagem no espaço escolar. Logo, a literatura de forma contada, narrada, e dramatizada contribui para o desenvolvimento do sujeito; vislumbrando a leitura ampliada do mundo.

Por fim, a discussão que se desenvolveu acerca do estudo da contação de histórias, permitiu entender sua relevância e contribuição na aprendizagem do aprendente, além de se apresentar como suporte de trabalho do fazer pedagógico do professor na sala de aula. Cabe ressaltar que o lúdico posto como ferramenta, estimula o cognitivo, o emocional e o efetivo do sujeito que aprende a construir novos sabres.

Enfim a pesquisa sobre contação de história é assim tratada como um precioso recurso metodológico, que proporciona o ser humano a trilhar por universos diferentes, permitindo atuar na sociedade como sujeito participante do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o esperado é que a contação de história perpasse todo o contexto, envolvendo as disciplinas do currículo escolar, com o intuito de desenvolver mentes pensantes, e a criticidade no processo de ensino e aprendizagem.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

BAMBERGUER, Richard. **Como** **incentivar** **o hábito** **da** **leitura**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

BUSATTO, Cléo. **Contar** **e encantar**: **pequenos** **segredos** **da** **narrativa**. 5º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL, **Parâmetros** **Curriculares** **Nacionais**: língua portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1997.

COELHO, Nelly. **Contar histórias** – **uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

DINIRAH, M. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil**: **múltiplas** **linguagens** **na formação de** **leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

KOCH, Ingedore V. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia** **afetiva**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes,

2002.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.